

RESENHA

CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **O poder nas organizações**. São Paulo: Thomson Learning, 2007, 160p.

Luiz Alberto da Costa Mariz

O valor do tema do poder nas ciências sociais pode ser medido pela importância dos autores que lhe deram relevo. Com diferentes ênfases no conflito ou na dominação, o tema está presente, explícita e amplamente, nas obras de Marx e de Weber. Nos estudos organizacionais, o tema está implicado no taylorismo, pois este tem como pressuposto o poder que os gerentes passaram a exercer na definição das formas de trabalho, incluindo a concepção do ambiente físico e, dentro deste, a localização e os movimentos dos operários (HATCH, 2006). Historicamente, o advento da administração científica se deu num conflituoso processo de redistribuição de poder na unidade produtiva entre os trabalhadores, os proprietários e os gerentes. Essas sumárias considerações ilustram como um tema recorrente em administração adquire um significado social mais amplo quando examinado sob a ótica do poder.

Apesar da importância dessa perspectiva, continuam válidas as observações de Perrow (1986), para quem o poder é negligenciado ou apenas implícito nos estudos organizacionais. Como notam Carvalho e Vieira, autores de **O poder nas organizações**, a maioria das publicações em administração atém-se ao exame das estruturas de autoridade legitimadas. No entanto, assim como acontece com a cultura e com a psique, o poder organizacional tem uma lógica própria que cumpre examinar nos seus aspectos formais e informais. Nesse sentido, é oportuno citar uma instigante advertência feita por Blau, igualmente dirigida aos pesquisadores e aos gerentes: “Administrar uma organização social de acordo com critérios puramente técnicos de racionalidade é irracional, pois ignora os aspectos não-rationais da conduta social” (*apud* SCOTT; DAVIS, 2007, p. 59). O lançamento desse livro pela Coleção Debates em Administração vem, pois, no sentido de diminuir a lacuna na literatura em administração, no Brasil.

Os autores estão entre os que compreendem o poder no contexto de relações sociais, sem considerá-lo uma característica pessoal. O foco principal está no poder assimétrico, que é, afinal, o modo preponderante de manifestação do fenômeno nas organizações. Como observa Perrow (1986), o poder não é simplesmente um jogo de soma-zero que pode trazer, como no caso de maior autonomia dos empregados, uma maior capacidade de ação para a organização. Para o autor, essa é, embora importante, uma subcategoria de poder, pois, nas organizações, tem precedência o poder de soma-zero associado à distribuição desigual de riscos e benefícios. Por

outro lado, a análise adotada não incorpora a visão pessimista sobre o poder derivada da concepção weberiana do “desencantamento do mundo”.

O livro traz um tratamento ao mesmo tempo amplo e aprofundado do tema, difícil de se encontrar numa obra que é, por natureza, compacta. São discutidas idéias de vários autores, dos clássicos aos contemporâneos, oferecendo uma base conceitual suficientemente ampla para alimentar visões antagônicas sobre o poder organizacional. Percebe-se, no entanto, da parte de Carvalho e Vieira, uma maior identidade com autores franceses, como Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Na vertente organizacional, algumas páginas do livro são dedicadas a expor e comentar, didaticamente, o estudo de caso de Pagès *et al.*, que dissectiona as relações de controle sobre as estruturas inconscientes dos indivíduos dentro de uma grande empresa multinacional. No capítulo final, reservado às contribuições brasileiras, é dado merecido destaque às contribuições capitais de Fernando Prestes Motta e de Maurício Tragtenberg.

A obra não se contenta em ser um minicompêndio sobre o poder nas organizações, constituindo um espaço e um convite ao debate. Um dos capítulos enriquece e revitaliza as discussões sobre o controle, tema central na teoria das organizações, sobre o qual já se debruçaram importantes estudiosos, mas muitas vezes com uma visão social estreita. Uma parte instigante do capítulo é a descrição de mecanismos de controle hegemônicos exercidos no interior das organizações que, sob a fachada de “humanização do trabalho”, ocultam a distinção entre capital e trabalho e criam as bases de reprodução do capitalismo moderno.

Os autores figuram tanto na qualidade de pesquisadores individuais quanto na de líderes do Observatório da Realidade Organizacional. Vários professores e alunos ligados a esse grupo de pesquisa colaboraram na obra, inclusive nas três seções com valiosas indicações bibliográficas de leituras imprescindíveis, dos clássicos sobre o poder nas organizações e de obras de autores brasileiros.

O objeto preferencial do livro são as organizações complexas. Assim, o tratamento dado ao tema tende a tomar a organização como uma unidade existente, relativamente estável – um ponto de vista freqüentemente adotado nos estudos organizacionais. Como é propósito dos autores que o livro suscite esperanças de usar o conhecimento sobre o poder na construção de um destino melhor, caberia talvez um maior realce às possibilidades de inversão de relação de forças inerentes a mudanças organizacionais de longo prazo.

Ao discorrer sobre o conflito e a dominação, o livro constitui uma obra ímpar no Brasil, pela abrangência de níveis de análise, pela seleção de autores discutidos, pela atualidade das questões tratadas, pela extensão e profundidade com que aborda o tema, resultando numa introdução fundamental a um tema central para a compreensão dos fenômenos organizacionais.

Referências

HATCH, Mary Jo (with CUNLIFFE, Ann). **Organization theory**: modern, symbolic and postmodern perspectives. New York: Oxford University Press, 2006.

PERROW, Charles. **Complex organizations**: a critical essay. New York: McGraw-Hill, 1986.

SCOTT, W. R.; DAVIS, G. F. **Organizations and organizing**: rational, natural and open system perspectives. Upper Saddle River: Pearson, 2007.